

*A tecnologia transforma a forma como vivemos; a educação determina a forma como escolhemos utilizá-la.*

A inteligência artificial (IA) constitui uma das mais profundas transformações tecnológicas da contemporaneidade, influenciando de forma crescente os sistemas de saúde, a educação, a investigação científica, a economia e a própria organização das sociedades. A sua capacidade para processar grandes volumes de dados, identificar padrões complexos e apoiar processos de decisão tem vindo a redefinir práticas profissionais, modelos de negócio e formas de produção do conhecimento. Contudo, perante a rapidez desta evolução, a questão fundamental deixou de residir naquilo que a inteligência artificial consegue fazer. O verdadeiro desafio consiste em compreender até que ponto a humanidade será capaz de preservar os valores que sustentam a sua identidade num contexto cada vez mais marcado pela automatização e pela inteligência computacional.

A crescente integração da inteligência artificial na vida quotidiana representa uma oportunidade sem precedentes para aumentar a eficiência, acelerar a inovação científica e melhorar a qualidade dos serviços prestados à sociedade. Todavia, o desenvolvimento tecnológico não elimina a necessidade do pensamento humano; pelo contrário, torna-o ainda mais indispensável. Embora os sistemas de IA sejam capazes de aprender a partir de grandes quantidades de informação e produzir resultados com níveis de precisão anteriormente inimagináveis, permanecem, de acordo com o conhecimento científico atual, incapazes de possuir consciência, experiência subjetiva, responsabilidade moral ou intencionalidade. Como defendem Floridi e Cows (2019), a inteligência artificial deve ser compreendida como um instrumento destinado a ampliar as capacidades humanas e não como um substituto da inteligência crítica, da ética ou da responsabilidade individual. A eficiência algorítmica não pode ser confundida com sabedoria, tal como a capacidade de cálculo não equivale à compreensão do significado humano das decisões.

Esta distinção adquire particular importância quando se analisam as implicações éticas da crescente delegação de decisões às máquinas. Arendt (1958) recorda que a capacidade de pensar, julgar e agir livremente constitui um dos pilares da condição humana. Pensar não corresponde apenas ao processamento racional da informação, mas envolve reflexão crítica, consciência das consequências e responsabilidade perante os outros. A automatização de processos decisórios pode aumentar a rapidez e a precisão em múltiplos contextos, mas não elimina a necessidade do julgamento humano. Nenhum algoritmo é capaz de assumir

responsabilidade moral pelas consequências das decisões que recomenda, nem de interpretar plenamente os valores, os dilemas e as circunstâncias que caracterizam a experiência humana.

É precisamente neste contexto que a universidade reafirma a sua relevância histórica e social. Durante séculos, o ensino superior foi entendido sobretudo como um espaço de transmissão do conhecimento. Atualmente, perante um cenário em que a informação está disponível em poucos segundos através de plataformas digitais e sistemas de inteligência artificial, esta missão adquire um significado diferente. A universidade deixa de ser apenas um local onde se aprende informação e passa a ser, sobretudo, um espaço onde se aprende a pensar criticamente, a interpretar a realidade, a distinguir evidência de opinião e a utilizar o conhecimento de forma ética e responsável. Como defendia Freire (1996), educar significa promover a autonomia intelectual, formando indivíduos capazes de compreender o mundo para nele intervirem de forma consciente, crítica e transformadora.

Esta transformação implica igualmente uma profunda renovação das práticas pedagógicas. A integração da inteligência artificial no ensino não pode limitar-se à aprendizagem de ferramentas digitais ou ao domínio de novas tecnologias. A missão da universidade consiste em formar profissionais capazes de compreender o funcionamento dos algoritmos, reconhecer os seus limites, avaliar criticamente os seus resultados e decidir quando o julgamento humano deve prevalecer sobre qualquer recomendação automatizada. Num contexto em que muitas respostas poderão ser geradas por sistemas inteligentes, a verdadeira diferenciação residirá na capacidade para formular perguntas relevantes, interpretar informação complexa, estabelecer relações entre diferentes áreas do conhecimento e construir soluções inovadoras para problemas sociais cada vez mais desafiantes.

Neste novo paradigma educativo, competências como o pensamento crítico, a criatividade, a comunicação, a colaboração interdisciplinar e a sensibilidade ética assumem uma importância crescente. A universidade deverá privilegiar metodologias de aprendizagem que estimulem a investigação, a resolução de problemas, o debate fundamentado e a reflexão crítica, preparando os estudantes para um futuro em que a tecnologia estará permanentemente presente, mas em que continuará a ser imprescindível a capacidade humana de decidir, criar e assumir responsabilidades.

Os desafios colocados pela inteligência artificial estendem-se igualmente à investigação científica. Nunca foi tão fácil aceder à literatura científica, analisar grandes bases de dados ou identificar relações complexas entre variáveis. As ferramentas de IA vieram acelerar significativamente diversas etapas do processo científico, desde a revisão da literatura até à análise estatística e à modelação preditiva. Contudo, o verdadeiro progresso científico continua dependente da capacidade humana para formular questões relevantes, construir hipóteses consistentes e interpretar criticamente os resultados obtidos. Como sublinha Popper (2002), a ciência evolui através da crítica permanente, da possibilidade de refutação e da revisão contínua do conhecimento. Estes princípios permanecem profundamente humanos e constituem a essência do pensamento científico.

A inteligência artificial pode apoiar o investigador, mas não substitui a curiosidade intelectual, a criatividade científica nem a responsabilidade ética inerente à produção do conhecimento. O avanço da ciência exige imaginação, capacidade de questionar pressupostos estabelecidos e abertura à revisão permanente das teorias existentes. Estes elementos dificilmente podem ser reduzidos a processos computacionais, uma vez que dependem da interpretação humana e da compreensão do contexto social, cultural e histórico em que o conhecimento é produzido.

Para além do universo académico, importa refletir sobre as consequências sociais da crescente utilização da inteligência artificial. A expansão dos sistemas de recolha e análise de dados levanta questões relacionadas com a privacidade, a autonomia individual, a transparência e a justiça. Zuboff (2019) alerta para o risco de uma sociedade orientada pela exploração intensiva de dados pessoais, na qual os indivíduos podem ser reduzidos a perfis comportamentais destinados a prever e influenciar decisões futuras. Quando a eficiência tecnológica transforma-se no principal critério de organização social, existe o risco de comprometer direitos fundamentais e de enfraquecer valores democráticos essenciais.

Na mesma linha de reflexão, Harari (2018) recorda que a tecnologia amplia extraordinariamente o poder humano, mas não determina os fins para os quais este poder será utilizado. A inteligência artificial poderá contribuir para melhorar sistemas de saúde, apoiar diagnósticos clínicos, otimizar políticas públicas, acelerar descobertas científicas ou tornar organizações mais eficientes. No entanto, permanece incapaz de definir aquilo que é moralmente correto, socialmente desejável ou politicamente justo. Estas escolhas continuam a pertencer às pessoas e às instituições democráticas, que devem assegurar que o

desenvolvimento tecnológico permanece orientado pelo bem comum.

Neste cenário de profundas transformações, a universidade assume uma responsabilidade que nenhuma tecnologia poderá substituir. Mais do que formar especialistas tecnicamente competentes, deve formar cidadãos capazes de compreender a complexidade do mundo contemporâneo, integrar diferentes saberes, dialogar com diversas perspectivas e agir com responsabilidade ética. A excelência acadêmica deixará de medir-se apenas pelo domínio de conhecimentos técnicos e passará, cada vez mais, pela capacidade de articular ciência, pensamento crítico, inovação, sensibilidade humana e compromisso social.

No limiar desta nova era tecnológica, a verdadeira medida do progresso não será determinada pela sofisticação dos algoritmos que desenvolvemos, mas pela capacidade de preservar os valores que sustentam a nossa humanidade. As máquinas poderão tornar-se cada vez mais rápidas, eficientes e sofisticadas, mas permanecerão incapazes de compreender plenamente a compaixão, a justiça, a liberdade, a solidariedade ou a responsabilidade moral. É precisamente neste espaço, onde a tecnologia encontra a ética e o conhecimento se cruza com a consciência, que a universidade reafirma a sua missão histórica. Se a inteligência artificial representa uma das maiores conquistas do engenho humano, então o maior desafio da nossa geração consistirá em garantir que cada avanço tecnológico continue subordinado à dignidade da pessoa, ao bem comum e à construção de uma sociedade mais livre, mais justa e mais humana. No final, o futuro não será escrito pelos algoritmos, mas pelas escolhas humanas que lhes conferem significado, direção e propósito.

#### Referências bibliográficas

Arendt, H. (1958). *The human condition*. University of Chicago Press.

Floridi, L., & Cowls, J. (2019). A unified framework of five principles for AI in society. *Harvard Data Science Review*, 1(1). <https://doi.org/10.1162/99608f92.8cd550d1>

Freire, P. (1998). *Pedagogy of freedom: Ethics, democracy, and civic courage* (P. Clarke, Trans.). Rowman & Littlefield Publishers. (Obra original publicada em 1996)

Harari, Y. N. (2018). *21 lessons for the 21st century*. Jonathan Cape.

Popper, K. R. (2002). *The logic of scientific discovery* (2nd ed.). Routledge. (Obra original publicada em 1959)

Zuboff, S. (2019). The age of surveillance capitalism: The fight for a human future at the new frontier of power. PublicAffairs.